

**DIÁRIOS DE GAROTAS FRANCESAS NO  
SÉCULO XIX:  
CONSTITUIÇÃO E TRANSGRESSÃO DE UM GÊNERO  
LITERÁRIO\***

**PHILIPPE LEJEUNE\*\***

**Resumo**

O artigo oferece uma breve descrição de uma pesquisa centrada em Diários de Garotas Francesas. O texto discute problemas metodológicos relacionados com esse tipo de material, apoiando as possibilidades que ele abre, particularmente em termos de explorar aspectos da subjetividade. Alguns dos diários analisados mostram a inversão da função da escrita, quando um método de adaptação torna-se um instrumento de emancipação, senão de contestação.

**Palavras-chave:**Diários femininos,Século XIX,Subjetividade.

---

\* Publicado originalmente em HAMMERLE, Chirst (ed.). *Plurality and Individuality. IFK MaterialienInternationales Forschungs Zentruml Kulturwissenschaften*, nº 2, 1995. Tradução de Simone Miziara Frangella. Revisão de Mariza Corrêa. Agradecemos a gentil autorização do autor para a tradução. Este artigo foi recebido para publicação em abril de 1996.

\*\* Professor de literatura na Universidade de Paris XIII.

Vou fazer um breve relato a respeito de uma pesquisa na qual venho trabalhando, e que se transformou num livro, publicado na França no ano passado, com o título *Le Moi des Demoiselles*.<sup>1</sup>

Tudo começou após a leitura de alguns diários manuscritos de uma jovem garota, Claire Pic, que vivia próximo a Lyon por volta de 1860. Fiquei fascinado pelo texto: aqui estava uma menina inteligente e sensível, aprisionada à uma criação religiosa rígida, tentando se expressar, dizer "eu", em quatro cadernos grossos que, juntos, somam mais de mil páginas. O diário foi interrompido um pouco antes de seu casamento. Fiquei impressionado pelo tom quase trágico do texto. Pus-me a imaginar se tal documento seria o único do tipo: centenas de outros como ele podiam estar esquecidos em sótãos e armários pela França. Apesar disso, tal prática é completamente ignorada pelos livros acadêmicos franceses, todos baseados no estudo de diários impressos famosos. Uma vez que a manutenção de um diário é uma prática íntima e secreta, isto é equivalente a uma aberração metodológica. Decidi então preencher essa lacuna.

Havia três problemas. Eu tinha que:

- 1) encontrar os diários;
- 2) aprender como lê-los e
- 3) aprender como falar sobre eles

---

<sup>1</sup> Paris, Editora Du Seuil, 1993.

### **Encontrando os diários**

Localizei cento e quatorze diários, originados de quatro fontes diversas:

1) Diários impressos no século XIX. Essa é a fonte principal: 58 diários. Eu a explorei através do catálogo' da Bibliothèque Nationale (código Ln 27, em "Biografias individuais"). Na maior parte dos casos, o diário foi publicado depois da morte da escritora. A jovem morria, freqüentemente de tuberculose; seus parentes encontravam o diário e decidiam publicá-lo. Seu objetivo era duplo: cultuar a memória da morta, mas, principalmente, instruir e educar moralmente os vivos. No início, era apenas a variação de um gênero tradicional - a biografia religiosa.

O problema com essas publicações é que com freqüência é preciso questionar sua autenticidade. Os diários reais, que desapareceram, devem ter sido modelados a partir de uma forma específica, purificados, estilizados para adequar-se a um modelo religioso. Os diários são também freqüentemente apresentados em fragmentos desconexos, misturados a outros documentos, especialmente cartas, e estão submersos na hagiografia escrita por um padre ou pela família.

Ampliei minha investigação através da leitura de romances escritos à maneira de diários exemplares, para uma audiência de mulheres jovens. Um deles, agora completamente esquecido, teve um papel importante como modelo: *Le Journal de Marguerite (1858)*.

2) Diários impressos no século XX: 17 diários. São publicações confiáveis, baseadas em manuscritos, com finalidade histórica. Os diários foram publicados porque a escritora ou um de seus parentes próximos eram famosos; ou por serem um documento interessante para a história dos costumes e das mentalidades.

3) Manuscritos preservados em Arquivos Público: 9 diários. A pesquisa nesse campo particular não fornece muitos dados.

4) Manuscritos de particulares: 30 diários. Apesar das inumeráveis destruições e perdas, essa é a fonte principal, mas de difícil acesso. Fiz solicitações pelo rádio, coloquei anúncios nos jornais, ou pedi os diários cada vez que proferi uma palestra mas, na maioria das vezes, me vali de ligações pessoais e de conhecidos.

As últimas três categorias (56 dos 114 diários, portanto metade de meu *corpus*) revelam os diários em seu estado original, tal como foram escritos. Conseqüentemente, uma grande variedade na extensão, tom e intenção pode ser observada entre eles. Existem bem poucos diários religiosos, ao passo que eles são abundantes na primeira categoria; há muitos registros cotidianos, bem como algumas tragédias e estórias de amor. Esse tipo de produção é, assim, menos homogênea e mais genuinamente representativa da realidade.

### **Aprendendo a ler os diários**

Os diários manuscritos não permitem uma leitura rápida. É impossível folhear o texto ou antecipar a página seguinte. Caligrafias grandes, inclinadas, letras maiúsculas enfeitadas e a cor muito clara da tinta desbotada impedem uma leitura fácil. Essa lentidão é, no entanto, uma vantagem. O tempo que necessito para ler o diário é também o tempo que levo para entendê-lo. Ele permite mais empatia.

Há três problemas iniciais:

1) O implícito. Bem poucas escritoras começam se apresentando e fornecendo informações sobre seu ambiente e personalidade. É preciso adivinhar.

2) A primeira tarefa de um editor de diários é eliminar repetições. Por incrível que pareça, as repetições não me incomodaram quando eu lia os diários manuscritos: eles dão uma certa densidade à experiência do tempo que compartilho com a escritora.

3) Em seguida, há lacunas. Vazios acidentais, devido a perda de alguns cadernos. Mas também lacunas reais, frases intencionalmente enterradas no silêncio...

Mas a maior dificuldade retórica reside em decifrar o código ou o contexto temático ao qual o diário se articula.

Esses diários, nos quais a autora declara frequentemente que "confiará tudo a seu pequeno caderno", parecem ser extremamente auto censurados. Tudo o que diz respeito ao corpo, à sexualidade, permanece fora do alcance do diário; é inútil a expectativa de algo do tipo. Uma garota como Renée Berruel, por exemplo, manteve seu diário sem interrupções entre os oito e os dezessete anos de idade sem mencionar nenhuma das transformações trazidas pela puberdade. No que diz respeito a sentimentos e emoções, sua expressão é, em geral, extremamente reservada. Mesmo num diário escrito para si mesma, as preferências, inclinações e afetos não podem ser expressos até que o amor tenha sido sancionado socialmente por um noivado. Antes disto, expressam-se através de alusões indiretas, afirmações generalizantes, explosões líricas vagas, etc. Essa linguagem misteriosa somente será decodificada com o benefício de uma percepção tardia quando, uma vez o compromisso estabelecido, a jovem se expressa explicitamente. Uma vez que a maior parte desses interesses não levam a compromissos formais, muitos suspiros e sonhos permanecem invisivelmente entrelaçados nos textos que leitores impacientes acharão desinteressantes e cansativos.

Ademais, ao menos de início, esses diários foram escritos como uma tarefa e seguem padrões ideológicos e formais que se

pode acompanhar de um diário ao outro. Essas similaridades poderiam nublar a atenção. Mas é preciso permanecer atento, ser sensível às variações no uso de padrões estabelecidos e ao modo peculiar da autora em modificá-los ou invertê-los.

### **Aprendendo a falar dos diários**

Meu problema era superar o desprezo ou a condescendência geral que envolvem esses diários. Sem ter lido nenhum deles, as pessoas estão convenci das de que sabem como eles são: uma atividade de lazer como bordar ou tocar piano. Humilde, sentimental e tedioso. O discurso trágico e comprometido que adotarei ao tratar dos esforços dessas jovens para obter uma identidade não é bem recebido. Esse preconceito é comum aos homens mais "machos" e às mulheres mais feministas.

Por estranho que pareça, o movimento feminista francês nunca se interessou por esses diários. De fato essa falta de interesse é compreensível: as feministas focalizaram primeiramente as personalidades proeminentes e militantes que deram ao movimento atual uma identidade histórica, e prestaram pouca atenção ao rebanho de mulheres mais ou menos obedientes e desprovidas de talento.

Há ainda outro problema: o valor literário dos diários. Os leitores freqüentemente me perguntam se eu achava que os diários que encontrei tinham qualidade para publicação, se eu havia encontrado outra Marie Bashkirtseff. De fato encontrei. Uma ou duas: Marie-Edmée Pau e Catherine Pozzi por exemplo. Mas esta é uma falsa questão. Não há atualmente na França mercado para diários de jovens mulheres: a prova disto é que é impossível comprar uma cópia dos de Eugénie de Guérin ou de Marie Bashkirtseff em qualquer livraria. Mas a publicação não é o meu objetivo. Desejo circunscrever e compreender uma

aventura coletiva. Comecei na posição oposta, supondo que todo diário é interessante. Não é necessário avaliá-los como textos literários. Essa abordagem não discriminatória é, às vezes, origem da ironia e do espanto nos círculos acadêmicos.

A fim de superar tais dificuldades e preconceitos, dei a meu livro a forma de meu próprio diário: ele relata o desdobramento de minha pesquisa, minha reação aos textos, a pergunta que me coloquei sobre minha identificação com as autoras. O livro começa e termina com esse diário. Ele serve como uma espécie de moldura para a parte documental, que inclui a apresentação de nove diários não publicados, um inventário geral dos 114 diários que encontrei, e alguns extratos. É um livro fragmentado, como um quebra-cabeças. Para esboçar uma breve síntese dele, devo escolher entre dois tipos de abordagem.

De uma perspectiva histórica, o diário mal existia antes de 1830. Os anos de 1830 a 1850, durante a era romântica, foram um período de liberdade relativa no que diz respeito a essa prática ... ao passo que, no período seguinte, de 1850 a 1880, a ordem moral e pedagógica e as restrições religiosas prevaleceram.

Depois de 1880, o secularismo e a democratização se desenvolveram gradualmente.

Escrever um diário foi sempre uma atividade característica das filhas da nobreza e da burguesia, mas, em uma certa medida, a prática se espalhou "para baixo", de modo análogo ao sistema educacional.

O diário de Marie Bashkirtseff, publicado em 1887, é uma exceção não representativa, ou poderíamos dizer que ela estava muito além de seu tempo, como a Torre Eiffel.

Como essa prática evoluiu durante o curso de vida de uma garota? Ilustrarei essa questão com exemplos retirados do período de ordem moral.

Encontrei poucos diários de rapazes. É fácil provar que essa discrepância entre os gêneros é principalmente cultural. As garotas são ensinadas a manter um diário, os garotos não. É parte do sistema disciplinar para tomá-las boas esposas, boas cristãs e boas mães. O diário é uma das técnicas usadas para fazê-las colaborar com sua própria disciplina. Garotos não necessitam tomar-se tão bons cristãos ou tão bons pais. A educação secundária tinha a intenção de prepará-los para sua posição profissional na sociedade. Eles estudavam Latim, Retórica, Direito, Ciências, Administração. As mulheres eram responsáveis pela esfera privada, e mantinham um diário para se prepararem para ela.

A Igreja Católica que mais ou menos controlou a totalidade da educação das garotas até 1880, tinha, no entanto, uma posição ambígua no que diz respeito ao uso do diário como um método educativo. Era favorável ao diário como exame de consciência, mas temia que ele pudesse dar origem à vaidade, à complacência, e às tentações literárias. O diário era uma faca de dois gumes... Nada poderia evitar que uma garota usasse o diário como um meio de construir uma personalidade independente, de pensar por si mesma. Era preciso cautela. De fato, manter um diário era aconselhado apenas quando ele estava sob controle.

Quando iniciei esse estudo, imaginei um diário de adolescente, a partir de minha própria experiência, como uma atividade solitária e espontânea. Qual não foi minha surpresa ao ler, por exemplo, a primeira frase do diário de criança de Marie Lenéru: “Mamãe me obrigou a escrever um diário, pois eu não queria.” Duas semanas depois: “Quão cansativo é este diário! É certamente a coisa mais maçante!” Ela passará a gostar dele com o tempo... Em geral recomendava-se às garotas que começassem



a escrever um diário por volta dos dez anos, um ano antes de sua primeira comunhão. O diário cumpria duas funções: as meninas examinavam suas consciências e treinavam seu estilo literário. Comporte-se bem e escreva bem, essa era a regra.

A mãe ou a professora, "Mademoiselle", da escritora, acompanhavam o processo, controlando a regularidade dos registros, corrigindo erros estilísticos e de ortografia, e dando sugestões sobre o conteúdo. O clímax do diário era a primeira comunhão, que ocorria geralmente aos onze anos. Depois disto, as jovens escritoras costumavam pensar que o melhor de suas vidas tinha ficado para trás.

Um diário só era usado como método pedagógico quando a garota era educada em casa. Em internatos, já que não podiam ser monitorados, os diários eram geralmente proibidos. Mesmo quando escritos secretamente, os diários eram quase tão auto censurados quanto recomendados. Mas as freiras e as professoras de internatos recomendavam os diários para as férias em família, ou quando as jovens deixavam definitivamente os internatos. O diário era um baluarte contra os perigos do mundo exterior.

A educação de uma jovem era um processo de duas fases: até os 14 ou 15 anos<sup>2</sup>, estando em casa ou no internato, elas recebiam uma educação geral, baseada essencialmente em Religião, Francês, História, Artes ou entretenimentos (piano, desenho), e Bordado. Depois vinha a educação profissional: aos 15 anos, elas eram iniciadas pelas mães em seu futuro papel

---

<sup>2</sup> Há um possível erro no texto original, indicando o início das duas fases educacionais na mesma idade: "' from the age of fourteen or fifteen,(...) they received general education, based essentially on (...). **Then** came professional education: from the age of fifteen, they were initiated by their mothers to their future social role." (47). Como se vê, as duas fases acabam sendo apresentadas na mesma idade. Tomei a liberdade de considerar isso um erro de revisão e alterá-lo para tornar o argumento claro. (Nota da Tradutora)

social. Aprendiam como administrar o lar e como se comportar em sociedade. A primeira fase girava em torno de um evento **central e obrigatório**: a primeira comunhão, esperada, preparada, depois lembrada e comemorada. Era um período de segurança para as garotas. Tudo estava organizado, e elas mal tinham alguma escolha a fazer. A segunda fase girava em torno de um evento **posterior e potencial**: o casamento. Era um período de alto risco e, acima de tudo, um momento de fazer escolhas. Conseqüentemente, a função do diário modificava-se, a fim de expressar desenvolvimentos mais ricos.

A passagem da infância para a adolescência dificilmente seria notada se o diário não fosse interrompido. Se houvesse uma interrupção, a jovem escritora pegaria sua caneta com a sensação de que poderia manter um diário diferente e ser independente. Lucile Le Verrier, por exemplo, tem 13 anos e meio. Anteriormente ela havia escrito um diário como tarefa e chegara a odiá-lo. Agora, ela vai escrever um para si mesma:

Se eu tiver um diário, será apenas para mim mesma; assim posso escrever exatamente o que penso: nem mamãe sabe que estou escrevendo um diário; senão ela quereria lê-lo, e então ele seria um exercício de estilo, não mais meu confidente. Não, ninguém vai ler meu diário; eu escrevo somente porque desejo relê-lo mais tarde, e não desejo intrusos entre nós.

As jovens não desejam mais escrever para suas mães, mas ainda não podem escrever para seus noivos. Ouçam Pauline Weill, de 16 anos:

Haverá um dia, talvez bem próximo, em que mostrarei esses escritos para o companheiro de minha vida, aquele que compartilhará minha

felicidade, assim como minhas tristezas. Então ele verá que, sem conhecê-lo, eu sempre o amei, e que todas as minhas ilusões, todas as esperanças de minha juventude eram para ele, ainda que ele fosse desconhecido.

Quando o diário é religioso, as garotas escrevem para Deus, para Jesus, para a Virgem Maria. Mas, mesmo nesses casos, os escritos mostram que as preces não são suficientes. Fiquei impressionado ao ler a Introdução de *Mon cher petit cahier. Le journal d'une jeune ouvriere* (1872). Maria, jovem operária, explica a seu caderno que ela tem outro grande amigo, Jesus, que já sabe tudo sobre ela, e que é temo e confortador. Mas, na realidade, ela precisa falar de si mesma com alguém que não sabe nada, e que poderia ser ainda mais gentil. Ela ocultará nessas páginas as pequenas coisas que ela não sabe como confidenciar a Jesus...

O diário é, portanto, uma atividade solitária, em busca de um destinatário. É sobretudo escrito para preparar uma escolha inevitável. Na medida em que a responsabilidade dessa escolha está fora do alcance das mãos das garotas, ou não será feita por alguns anos ainda, o diário serve ao propósito da espera. Fiquei freqüentemente tentado a comparar tais garotas com prisioneiros que escrevem enquanto contam os dias e os anos, enquanto esperam pela sentença, pela condenação, pela transferência, ou pela libertação... A espera pode ser ativa, como nos diários religiosos, os quais podem ser lidos mais como o registro do treinamento de um esportista. Pode ser também algo totalmente passivo, como os diários de crônicas (registros do dia-a-dia) nos quais a garota deliberadamente limita o que ela escreve aos eventos externos de sua vida diária, permanecendo silenciosa no que diz respeito às suas principais preocupações. Devo dizer que ambas as categorias (os diários religiosos e as crônicas) são os

mais difíceis de ler: são repetitivos, obsessivos, frustrantes. Graças a Deus, a maior parte dos diários está entre estes dois extremos.

A jovem escritora normalmente propicia uma visão mais ampla de sua experiência, explica os problemas inerentes à escolha de um futuro, busca uma saída pessoal e, algumas vezes, questiona a maneira pela qual a sociedade reivindica decidir seu destino.

Três soluções são oferecidas a ela: casar-se; fazer votos religiosos; ou permanecer solteira.

É absolutamente proibido ter uma vida amorosa sem estar casada. Uma garota que transgrida essa regra está quase automaticamente excluída da sociedade. Encontrei o diário de uma jovem, chamada Fortunée, que havia sido "seduzida e abandonada". Depois do escândalo ter se tornado público, ela fugiu de casa, sozinha, tentou sobreviver trabalhando em Paris e cometeu suicídio em uma semana. Ela chamou o diário de seu suicídio *Toute Seule* (Sozinha). É um caso excepcional que, no entanto, revela a verdade sobre o sistema.

Fazer os votos religiosos era uma escolha freqüente: as congregações femininas aumentaram muito na França, em número e tamanho, no séc. XIX.

Permanecer solteira significava ficar e viver com a família, cuidando dos pais idosos ou de irmãos menores e depois, de sobrinhos e sobrinhas; ou ainda estar envolvida em trabalhos caritativos, que eram uma forma de devoção secular.

Em todas as três situações, a jovem era economicamente dependente. O marido, o convento ou a família supriam todas as suas necessidades. Sua educação não era feita para capacitá-la a ganhar a vida. Algumas vezes, como medida de precaução, davam a ela um diploma de professora, caso algo desafortunado acontecesse.. .

Oficialmente, as garotas atingiam a idade de casar aos 18 anos. Se nenhum casamento fosse acertado até os 25 anos, a jovem tornava-se uma *catherinette* e logo era uma solteirona...

Aqui está uma jovem, Renée de St-Pern, olhando para sua vida, no dia em que fez 18 anos:

O que vou fazer com minha vida? Perspectivas animadoras se abrem à minha frente; será que não há também sofrimentos, preocupações e responsabilidades de reserva para mim? Que estranho! Eu, que amo romances, não apenas para lê-los, mas também para escrevê-los, e que não sou uma advogada militante do sacramento do casamento. É muito agradável ver outras casando, mas quando se trata de mim, o prazer desaparece. O convento! Obedecer, que palavra terrível para alguém como eu, que tenho um temperamento dominador.

Se eu não tivesse receio de ser egoísta, tornar-me-ia uma *catherinette* e, num lugar isolado que posso ver daqui, ficaria a viver com meus livros, minha caneta, e todas as idéias de minha mente. Já que devo esperar sete anos para usar aquela touca de solteirona da qual tanto se zomba (não sei porque), eu tenho tempo suficiente para pensar sobre o futuro e estudar o mundo.

De uma maneira mais ou menos sistemática, os diários tornam-se o espaço de tais elucubrações.

A maior parte das jovens hesitavam em relação ao casamento: este representava o desconhecido, tanto pela total ignorância sexual nas quais as meninas eram mantidas, quanto pelo sistema de casamento arranjado que lhes deixava pouca

escolha quanto à seleção do parceiro. Mas isto não significa que os casamentos arranjados tendiam a ser mais infelizes do que os casamentos atuais. Algumas vezes esse sistema prestava-se à paixões reais e escolhas pessoais. Três dos diários que encontrei narram histórias de amor que geralmente ocorrem apenas em romances, uma revelação de amor mútuo que consegue superar todos os obstáculos.

Devo confessar que ao ler os diários tive a tendência a prestar maior atenção às jovens que não estavam satisfeitas com nenhuma das três soluções. O diário não é apenas o espaço onde essa rejeição foi expressa, mas tomou-se o símbolo de uma quarta solução. Isto é sem dúvida o que as professoras e os educadores católicos temiam: a inversão da função da escrita, quando um método de adaptação toma-se um instrumento de emancipação, senão de contestação.

Até que as escolas secundárias fossem capazes de oferecer às jovens mulheres da classe dominante perspectivas profissionais similares às aquelas oferecidas aos homens, as únicas áreas nas quais elas poderiam esperar mostrar habilidades iguais e afirmar sua independência eram a literatura e a arte. Os diários foram seu primeiro campo de teste. Durante o período de ordem moral, jovens católicas piedosas tentaram escapar aos três destinos transformando a idéia de celibato. Netty du Boys, uma discípula da famosa educadora Mgr Dupanloup, consagrou sua vida à história religiosa, depois ao problema da educação feminina; seu diário, não publicado, é o centro das realizações intelectuais autênticas às quais ela dedicou sua vida.

Marie-Edmée Pau queria se tornar uma artista: ela aprendeu as técnicas de desenho e gravura; ensinou, recebeu encomendas de trabalhos artísticos, enquanto mantinha um diário, publicado depois de sua morte, totalmente esquecido atualmente, porém uma genuína obra-prima do gênero. Em 1862, a publicação do diário de Eugénie de Guérin foi um

evento ambíguo: as jovens deveriam lê-lo como um modelo de resignação, mas também como um modelo de estilo, o que tomou essa desconhecida jovem uma autora de sucesso um *best-seller* depois de sua morte! Em 1887, a publicação do diário de Marie Bashkirseff teve o efeito de uma bomba, tirando todas as dúvidas. Embora muito rica, Marie aprendeu as técnicas de pintura na Académie Julian; alguns de seus trabalhos receberam um prêmio no Salão, mas seu diário seria a confirmação de sua fama, ela tinha certeza disso.

Para elas, escrever não era mais uma forma de esperar - uma vez que todas essas jovens recusaram o casamento - mas sim um meio de construir a própria identidade, de encontrar o próprio caminho e de provar seu valor.

O diário de adolescente de Catherine Pozzi, quando for publicado, mostrará um perfeito exemplo desse tipo de escolha.

Concluindo, deixarei Aline de Lens ter a última palavra. Ela era a filha de um famoso cirurgião. Como Marie Bashkirtseff, ela estudou na Académie Julian; prestou então o exame de admissão na escola de Belas-Artes e foi aceita. Ela havia acabado de completar 26 anos. Não era mais uma jovem, nem tampouco era uma solteirona. Ela queria ser ela mesma.

Fiz vinte e seis anos há dois dias atrás... é estranho. a que sou realmente? Uma velha donzela? Não ainda, eu mal entrei nos vinte, dizem as pessoas. Uma jovem donzela, então? ah, não! Não possuo a vida ou as idéias de uma jovem donzela, não mais... nem sua idade. Eu gostaria apenas de ser uma artista.

Diários de garotas francesas...

**FRENCH GIRLS' DIARIES IN THE 19<sup>TH</sup> CENTURY:  
CONSTITUTION AND TRANSGRESSION OF A GENRE**

**Abstract**

This article gives an account of a research on young French girls' Diaries. The text discusses the methodological problems raised by this type of material pointing to the array of possibilities it opens, particularly in terms of exploring subjective aspects.

Some of the Diaries show the inversion of the function of writing, when a method of adaptation becomes the instrument of emancipation, if not constestation.